

Caldas da Saude

**TRATAMENTO:**

Uso interno

Enterite muco-membranosa,  
doenças das vias  
urinarias, etc.

Uso externo

Doenças de pelle e  
rheumatismo,



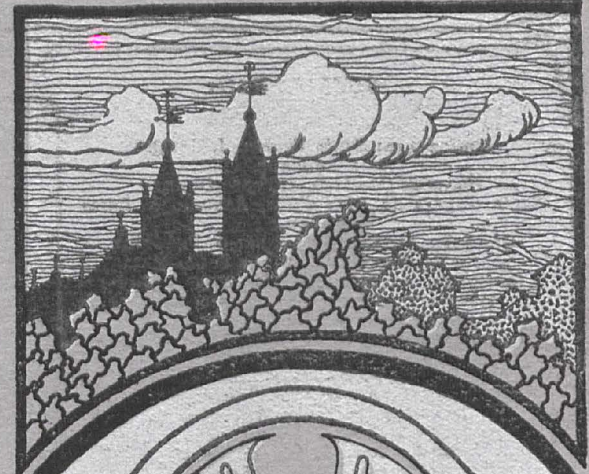
Este estabelecimento  
funciona de junho  
a outubro

VAGO

Disponível

IV-VI

■ ■ DIRECTOR ■ ■  
 ♦ JOSÉ COELHO D'ANDRADE ♦  
 COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
 ■ TYPOGRAPHIA MINERVA ■  
 ♦ ♦ FAMILICÃO ♦ ♦  
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
 ■ RUA DE SOUZA TREPÁ, 30-40 ■  
 ♦ SANTO THYRSO ♦



Thyrsos

• • 1.<sup>a</sup> SÉRIE • •  
 ■ ■ N.º 4-6 ■ ■  
 • • SETEMBRO • •  
 ■ ■ DE ■ ■  
 • • 1912 • •

### SUMMARIO:

*A musica em Santo Thyrsó*, J. CORLHO  
D'ANDRADE  
*Horas de Saudade*, AFFONSO DUARTE  
*Santo Thyrsó de Riba d'Ave*, ANTONIO A. PIRES  
DE LIMA  
*Quadras*, ALEXANDRE FRANCISCO FERREIRA  
*Antas de Alvarelos*, AB.º DE SOUZA MAIA  
*Romances, novellas, dictados e vocabularios  
populares*, AUGUSTO C. PIRES DE LIMA  
*A fonte da Maria Velha*, LUIZ COELHO  
*A decadência fisica do homem*, AMÉRICO PIRES  
DE LIMA  
*Assalto de portos*, MARIO DE SAMPAIO  
*D. Maria do Carmo, D. Rosa Andrade, D. Maria  
Santarem*, P.º AUGUSTO GONÇALO  
*A voz do Povo*, LUIZ COELHO  
*Santo Thyrsó ha trinta annos*,  
DO JORNAL DE SANTO THYRSO  
*Varia \*\*\**  
*Gravador*, MARQUES D'ABREU

### CONDIÇÕES:

A gazeta "O AVE" sahirá  
— com a regularidade possível —  
todos os mezes.

#### PREÇO:

Cada série de numeros,  
num total de 120 paginas, 600 réis.  
Pelo correio, 650 réis.  
Para o Brazil, 1\$200 réis.  
Pagamento adeantado.

#### ANNUNCIOS:

Preços convencionaes.

#### CORRESPONDENCIA:

Para qualquer assumpto ligado a esta redacção  
dirigir-se ao Director.

E o que respeita á administração  
tratar-se-ha na séde,

RUA DE SOUZA TREPA, 30-40

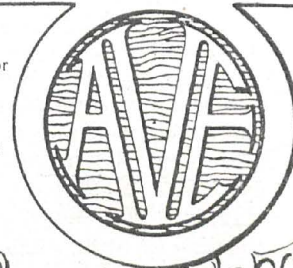
SETEMBRO DE 1912



Proprietario e Editor

O DIRECTOR

José Coelho d'Andrade



REDACÇÃO

Rua de Souza Trepa, 30-40

SANTO THYRSO



Gazeta de S.º Thyrsó

## A musica em Santo Thyrsó

Cultivada desde os primeiros povos, a arte musical, inspirada pelo canto das aves, ou pelo silvo dos ventos, tem acompanhado progressivamente até ao auge, no ponto culminante, a civilização.

Rudimentar com os Indios e os Assyrios, frivola entre os Egypcios, mas já notavel com os Hebreus, a musica começou segundo a mythologia com Apollo e Chiron, os inventores da lyra, da trombeta e do psalterio.

Salomão engrandeceu-a e, dedicando-se com predilecção á musica judaica, fez entoar elevadas modulações no seu templo magestoso.

E os Phenicios com a gingria, os Indios com a vinia, os Syrios com o triangulo, os Babylonios com o pentacordio, dão-nos a idea do pri-

meiro sentimento da musica, que despertava nas almas rudes daquelle tempo.

Na Grecia, patria do Orpheu mythologico, a musica progride, soffre uma revolução importante, evoluindo notoriamente com Alexandre Magno que lhe deu grande impulso.

E se a musica domina o coração do homem, embriagando o guerreiro que, impávido no campo da batalha, cobra entusiasmo e ardor ao som do hymno da Patria, justifica claramente a influencia entre os gregos que, extasiados, permaneciam dias successivos a dentro dum theatro, impressionados pela harmonia e chromatismo musical que os embriava docemente.

E a musica seguiu sempre, influen-

ciando as luctas amorosas com as trovas e as canções, até á verdadeira arte que os novos sabios da musica Rossini, Donizetti, Puccini, Bizet, Massenet, Mozart, Beethoven, Verdi e Wagner, têm conseguido, traduzindo todas as phases da vida, num deleite, num gozo, interpretando factos, solemnizando festas, imprimindo-nos ideas de tristeza e de alegria, de dôr e de paixão, como se a harmonia dos sons, confundindo-se com a palavra, servisse para nos exprimirmos.

Em todas as nações progride immensamente o movimento musical, creando-se escolas de musica, como de todas as artes, sendo porem aquella sem duvida a mais diffundida, porque justamente é a mais susceptivel de se popularizar.

E os thyrseuses não fugiram á sua influencia, cultivando sempre com amor este ramo artistico, quanto é possível num meio pequeno como o nosso.

Apaixonados pela musica, para o que têm mostrado exuberantes aptidões, vão gradualmente apparecendo gerações que a ella se dedicam com enthusiasmo, como veremos dalguas notas, muito incompletas talvez, mas que conseguimos colher á custa de muito esforço e vontade, porque não é essa das tarefas mais facéis, quando houvermos de recorrer apenas á informação ou a algum apontamento que a carteira dum curioso pôde guardar.

O primeiro corpo musical de que

temos conhecimento data de 1873, quando, para a construcção do primeiro Caminho de Ferro de Guimarães, vieram para aqui uns inglezes, grupo a que pertenciam Terry, Raws e Grifel, nomes que ao nosso ouvido chegaram, sem que os conheçamos.

Mas já que fallamos de musica os citamos por esta forma, tal qual os ouvimos pronunciar.

Desta empreza fazia parte o guarda-livros Guilherme Affalo, que á musica dispensava o melhor dos seus cuidados, e com extraordinario enthusiasmo, pelo que se abalançou a organizar uma orchestra da qual fizeram parte, entre outros, José Amaral, que tocava violino, Emidio Veiga, cornetim, Francisco Trepa, flautim, Guilherme Costa Leite, violino, João Amaral, contrabaço, Julio Amaral, flauta, e dos inglezes que sabamos tambem tomavam parte Terry e Grifel, que tocavam respectivamente clarinete e cornetim. O seu regente Affalo, conceituado violinista, ainda ha pouco tempo se exhibiu num concerto do Porto, onde foi muito conhecido pela sua habilidade e maestria.

O principal concerto desta orchestra, deu-se no antigo salão da livraria do Mosteiro, concerto onde se fizeram tambem ouvir o notavel violinista Marques Pinto, e o distincto pianista e juiz, que mais tarde foi desembargador na Relação do Porto, Dr. Teixeira de Queiroz.

Daquelle agrupamento orchestral

aproveitou-se o delegado da epocha, Dr. Caetano Brandão, para a fundação do Club numa casa dos Carvalhaes, onde foi a antiga hospedaria «Caroço», e para alli reuniu grande numero de socios. A orchestra quasi logo depois da fundação do Club desorganizou-se, não chegando a apparecer mais publicamente.

Só decorridos alguns annos, um grupo de rapazes dos mais distinctos da villa, resolve em commissão pedir ao Conde de S. Bento o seu concurso para a fundação duma nova orchestra.

Anuindo o Conde, trataram da compra dalguns instrumentos, para o que contribuíram tambem varios thyrseuses, entre elles Manoel Martins Pinto.

Os comissionados dirigem-se ao Porto para aquelle fim, consultando para isso Augusto Maria de Castilho, mestre de musica de infantaria 18, que os aconselhou a desistir da orchestra, para fundarem de preferencia uma banda, comprometendo-se a ensinal-os e apresental-os convenientemente ensaiados e em publico, no espaço de seis mezes.

Conhecedor desta proposta, o Conde de S. Bento resolve contratar o regente Castilho, que vem para Santo Thyrso no dia 28 de junho de 1882.

Já idoso, aparentando uns 60 annos, tinha o vigor dos novos e uma vontade de ferro, o regente a quem o destino marcou para fazer realçar com exito e excepcional brilho os

nossos musicos, duas duzias de rapazes das nossas melhores familias, que só por gosto, e desinteressadamente, se deram ao sport de organizar uma banda.

O Conde de S. Bento mandou devolver os instrumentos de orchestra adquiridos primitivamente e custeou com generosidade todas as despesas da banda. Comprou os fardamentos, que se compunham dum dolman cintado côr de pinhão, e um bonnet vermelho de pala, e adquiriu, do seu bolso, todos os instrumentos precisos, como á sua custa satisfez os ordenados do mestre da musica.

E este, que não faltava ao prometido, com um trabalho insano conseguiu formar a banda, e defronte da casa daquelle titular, decorridos seis mezes, em 27 de Outubro de 1872, regia quatro peças da sua lavoura, intituladas o *Arabi*, ordinario, *Elvira*, valsa, *Adelia*, polka, e *Luisinha*, masurka.

Muito severo, mas delicado e intelligente, Castilho tornou-se respeitado, o que concorreu para o exito excellente e a fama importante que a banda alcançou.

Esta banda tinha umas 24 figuras, e dentre ellas resaeem alguns nomes, que todos conhecemos ainda, alguns dos quaes já de avancada idade, mas que se ennobrecem com esse titulo, e talvez recordem com saudade aquelle tempo tão proveitoso e alegre.

O grupo dos que tocavam clari-

nete, compunha-se de Francisco Trepa, José de Varziela, Manoel Bento Sineiro e Luiz Ferreira d'Araujo.

No de cornetins entravam Manoel Andrade, Francisco Netto de Carvalho, Emídio Veiga e Seraphim do Valle Mascarenhas.

As trompas foram confiadas a Adriano Trepa, Pelayo Julio Gonçalves, Joaquim Andrade da Costa Leite e Joaquim Gonçalves.

Os trombones a Antonio Maria Guimarães, Jorge Amaral, José Andrade, Baptista Amaral, e Alfredo Sineiro.

E os bombardinos a Joaquim Azevedo e Thomaz da Costa Moreira.

Tocava saxofone, José Amaral; requinta, Antonio Souza Carneiro, flautim, Adriano Alves da Costa, e mais tarde Carlos Amaral e Miguel Andrade.

Para os contrabaços ficaram Julio Amaral e Rodrigo Machado.

A pancadaria tinha com o bombo Antonio Rocha, com os pratos Antonio Braga, e com a caixa Joaquim Pedreirinho.

Como se vê desta lista, incompleta, na sua maioria, são individuos dos mais distinctos da nossa sociedade, que se compraziam com esta distracção, e que só por favor se sujeitavam áquelle mister.

O seu trabalho não era remunerado por forma alguma e os pagamentos que obtinham ás vezes em festas, a que iam, por pedidos, que dalgumas cidades do Minho faziam ao Conde de S. Bento, eram destina-

dos exclusivamente a novos instrumentos ou alguma despeza relacionada com a vida da banda.

Celebrisou-se em pouco tempo a nossa musica, sendo ao fim dum anno convidada para as mais importantes festas do norte do paiz.

Logo no seu inicio se mostraram em Braga, no anno de 1883, tocando no Centenario do Bom-Jesus, e em 1884, em Guimarães, na inauguração do Caminho de Ferro.

Em seguida foram ouvidos em Barcellos, Trofa, Louzado, Rebordões, e outras localidades, onde costumam promover as festas mais importantes do nosso festivo Minho, e onde o Conde de S. Bento tinha mais ou menos influencia.

O Conde de S. Bento tinha por fim verdadeira paixão pela banda, e o seu enlevo era ouvir-a tocar com entusiasmo o seu hymno ou o hymno brasileiro ao som do qual assomava sempre á janela da sua casa, descobrindo-se immediatamente.

Não sabia musica, nem tinha talvez gosto musical, o que não impedia que se afeioasse devotadamente á sua banda.

Esta tinha como principal obrigação fazer-se ouvir todos os domingos no corêto que o Conde mandára levantar para esse fim deante da sua casa, na antiga Praça 26 de Março, onde affluia a melhor sociedade thyrseense.

Augusto Castilho era um grande mestre, e regia com muita elegancia e gosto.

Empenhou todo o seu esforço no aperfeiçoamento dos musicos, que pela expressão do rosto o comprehendiam.

A par do seu trabalho de ferro, e da sua força de vontade, notabilisou Castilho o seu excellente methodo de ensino, processos originaes que contribuíram para a paciencia da aprendizagem que os seus alumnos persistentemente suportaram.

E foi assim que Castilho fez daquella banda a mais conhecida e mais notavel da sua epocha no Minho, dentre as philarmonicas, podendo rivalizar mesmo com as regimentaes.

Nas festas onde aparecia, constituia elemento de grande reclamo, o que augmentava a concorrencia.

Durou seis annos esta excellente banda que, por divergencias, acabou em 1889, retirando-se então Augusto Castilho.

Alguns meses depois, sob a direcção de Jorge Amaral a principio, e depois de Avelino Carneiro Pinto, reorganizou-se, e como se tivessem desfeito de tudo que pertenceu á antiga banda, o Conde de S. Bento ainda desta vez comprou os novos fardamentos.

Assim constituída, foi a banda que tocou no funeral do Conde, desorganizando-se pouco tempo depois.

Esses musicos, porem, dispersos formaram mais tarde grupos, e dum delles em que predominavam artistas, sahiu a banda do Gremio Artistico Thyrseense.

Resolveram chamar regentes estranhos a Santo Thyrso e de comprovada competencia, e assim é que, em sessão extraordinaria de 11 de Fevereiro de 1902, a direcção delibera contractar para regente da banda, José Ramos, ex-regente da banda de Infantaria 20, e que tomou conta pela quantia de 12:000 reis mensaes, começando a vencer desde 15 do referido mez, dia em que tomou posse.

Nella se conservou até 30 de agosto do mesmo anno.

Nesta mesma data, como nos consta das actas que amavelmente nos foram confiadas pela actual direcção, tomou posse o novo regente José Maria Sampaio (Mulato), musico de primeira classe do regimento de infantaria 18, e que findou o seu mandato decorrido um mês completo.

Em 30 de novembro de 1902 é contractado o contra-mestre reformado de infantaria 18, José Antonio Pastor, que regeu a banda durante um anno, sendo demittido em 30 de novembro de 1903.

Foi no tempo deste regente, em 5 de julho de 1903, que se fundiu a corporação do Gremio Artistico Thyrseense com a Associação dos Bombeiros Voluntarios, para onde passou a banda, começando a usar o fardamento destes ultimos, com os seus vistosos capacetes de metal.

Até 8 de Setembro de 1904, tomou contada regencia Avelino Carneiro Pinto.

E no começo de 1908, aproveitando os instrumentos que a Associação dos Bombeiros tinha recolhido (acta de 27 d'Agosto de 1907) organizou-se novamente uma banda, regida por Avelino de Souza Fernandes, e que, sahindo pela primeira vez em 2 de fevereiro de 1908, teve uma vida ephemera.

A ultima banda da villa foi a do Asylo Conde de S. Bento, que ainda existe mais ou menos desorganizada, e que teve como mestre o citado Antonio Pastor, e actualmente José Vieira.

Os thyrnsenses tiveram sempre entusiasmo pelas musicas, e foi notado pelo proprio Castilho, que em geral este meio era dotado de musicos de muita habilidade, de amadores e de curiosos de muito bom ouvido.

Contava que qualquer peça executada uma vez, era no dia seguinte assobiada em plena rua pela rapaziada, facto que ainda hoje se nota, sempre que uma companhia de theatro nos visita.

Tem havido familias de musicos, como a dos Amaraes, que em grande numero fizeram parte de todas as bandas e orchestras, e familias de amadores de musica, como a dos Mirandas, que se salientou pelo apurado ouvido dalguns dos seus membros.

Dos mais apaixonados thyrnsenses pela musica, e figuras de mais destaque, recordamos os nomes de Jorge Amaral, organizador de varias

orchestras, como a do theatro do Club thyrnsense e outras, e que aos seus grandes conhecimentos de musica, aliava um fino gosto, o que o colocou em evidencia na sua curta vida.

Foi tambem notavel o musico Adriano Alves da Costa (Constancio), que tendo entrado na revolta de 31 de janeiro do 1891, como musico do regimento de caçadores 9, emigrou para o Brasil.

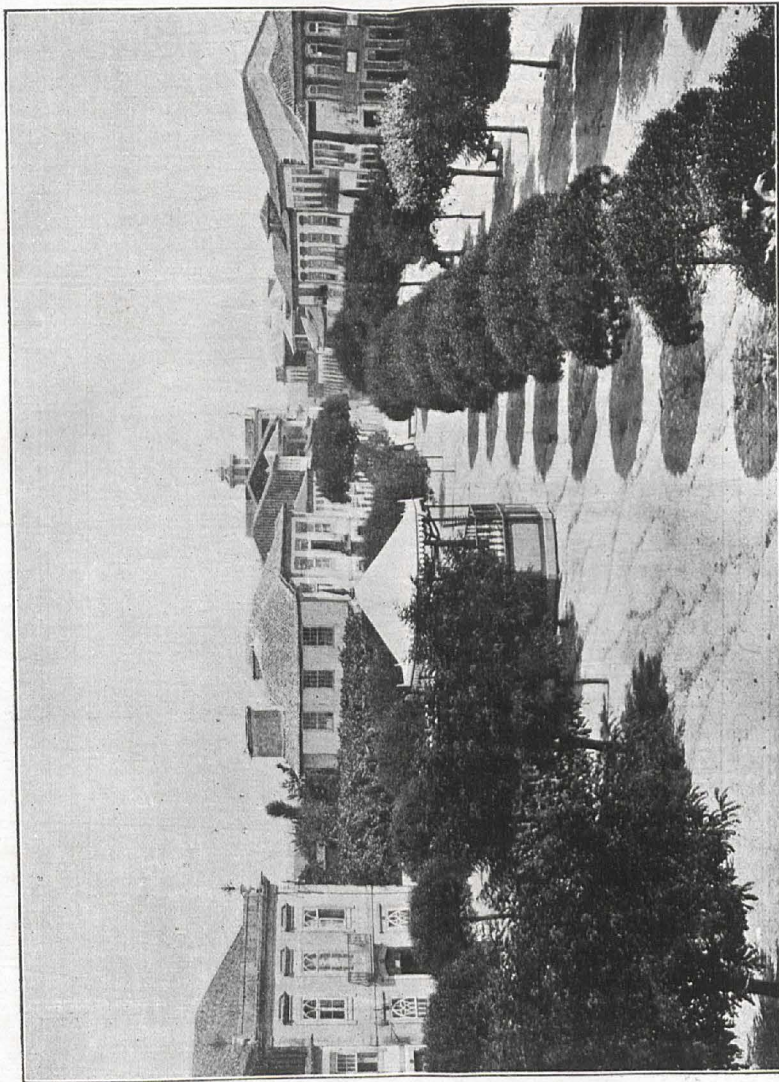
E não esqueceremos aquella bella alma de Antonio Ribeiro de Miranda, ha pouco desaparecido, uma verdadeira revelação de artista, que conhecia bem uns poucos de instrumentos, e que era verdadeiramente devotado a todas as instituições musicas da nossa terra.

Estamos num periodo de decadencia, que necessario é fechar, exortando todos aquelles que para o levantamento da musica tenham competencia.

Ouvimos ha pouco no novo theatro Brazão uma orchestra composta de musicos thyrnsenses, sob a direcção de Ayres Azevedo.

Se as bandas musicas tiveram o seu tempo, quando as festas dos arraiaes eram o nosso melhor divertimento, hoje a nossa attenção deve dirigir-se para o theatro, organizando-se com habil selecção uma orchestra, que secunde em fama, pelo seu trabalho e boa vontade, já que meritos não faltam, a do laureado Castilho.

JOSÉ COELHO D'ANDRADE.



**Praça 26 de Março.** onde se vê o antigo corêdo que serviu para a musica do Castilho  
A ultima casa do lado esquerdo, foi a habitada pelo Conde de S. Bento. E no intervalo contiguo existe hoje o edificio, onde esteve installada a Assembléa Thyrnsense

## Horas de Saudade



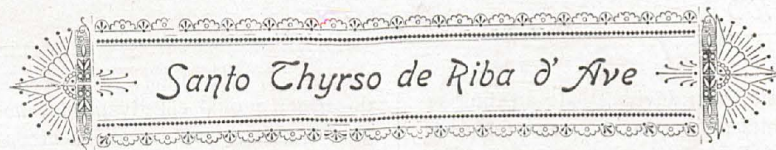
*Vou de luar em rôsto, descontente:  
Meus olhos choram lagrimas de sal...  
Adeus, terras e môças do Casal,  
Adeus, ô coração da minha gente.*

*A hora da Saudade é uma serpente:  
Quero falar, não posso, e antes que fale  
Ela inlaça-me a vós, tam cordeal,  
Que as coisas mais me lembram fielmente.*

*O' olhos de amôra... e uma ave na garganta  
Para enfeitiçar a alma quando canta...  
Môças com sua párra de avental...*

*Grâça! Belêza! Um verso sem medida!  
A saudade desterrou me a vida...  
— Sou um éco perdido noutra vale.*

AFFONSO DUARTE.



Já no preambulo d'este trabalho, <sup>(1)</sup> bem como na biographia de Bernardino Luiz d'Andrade <sup>(2)</sup>, indicámos alguns dos pontos em que nos parecia falho de exactidão o livro do sr. Alberto Pimentel. E annunciámos o proposito de desenvolver com razões a nossa divergencia.

Começando a cumprir a tarefa, diremos hoje algumas palavras sobre o papel dos frades na origem e desenvolvimento da povoação thyrseense. (3)

Para o sr. Alberto Pimentel, a villa e o concelho são quasi só um producto dos frades, que lançaram o impulso d'onde tudo veio a sair.

Nada menos rigoroso, a nosso ver. O illustre escriptor tem opinião preconcebida a favor dos frades, e não só lhes attribue quasi tudo quanto ha de bom em Santo Thyrso, como ainda attribue á falta d'elles o que aqui ha de mau.

Ora, sem por forma alguma enfileirarmos entre os iconoclastas que sys-

tematicamente accusam as ordens monasticas, no presente e até no passado, como se ellas não tivessem representado um papel importantissimo, e não tivessem correspondido a uma necessidade historica, — o certo é que, sendo a povoação de Santo Thyrso inicialmente uma criação dos frades, a estes pouco mais deve do que a paternidade.

Foi a nossa terra por muitos seculos dominada pelo mosteiro; e quando os frades foram banidos, havia na unica rua, segundo o sr. Pimentel, apenas 98 casas, sendo 48 sobradadas e 50 terreas.

Confronte-se a evolução do longo periodo da dominação dos frades com a do periodo curto que se lhe seguiu, e diga-se se o que veio depois d'elles pode ser comparado com o que elles fizeram.

Depois de expulsos os frades do mosteiro foi creado o concelho (1834), foi creada a comarca (1840), foi extincto o concelho de Negrellos (1855), instituiu-se o mercado semanal (1860), desenvolveu-se e embellezou-se a villa, creou-se e progrediu a industria de fiação e tecidos (em Negrellos e Santo Thyrso) e surgiu a obra grandiosa do Conde de S. Bento. E nada

(1) N.º 1, pag. 4 a 6.

(2) N.º 2, pag. 42 a 46.

(3) Na pag. 7 (1.º n.º), linha 1.ª, lê-se: — «o que me parece rigorosamente tratado», quando nós escreveramos: «o que nos parece menos rigorosamente tratado»...

d'isto, sem duvida, pode attribuir-se á influencia, proxima ou remota, dos frades.

Os beneditinos, pela fundação do mosteiro, e analogamente ao que succedeu em muitas outras partes, determinaram a fixação, na localidade onde se encontra hoje, do nucleo de população que foi o embrião da villa; mas pouco mais.

Parece-nos mesmo arriscado attribuir-se-lhes o mercado quinzenal, que já no tempo d'elles existia.

E' um erro quasi sempre attribuir aos conventos o desenvolvimento das populações ruraes circumvizinhas, porque os frades não criavam a população e em regra estabeleciam-se nos logares já povoados, ou que facilmente podiam sê-lo, por necessitarem de creados e de tributarios. Era mais a agricultura florescente, a riqueza local, que attrahia o frade, do que este que fomentava o desenvolvimento da agricultura (1).

A unica fonte local de riqueza que certamente foi auxiliada pelos frades, é a industria da moagem e cosedura

(1) Diz o sr. Gama Barros: — «Um mosteiro que se nos depara nos documentos d'aquella epoca, é sempre um luzeiro que mostra existir proximo alguma agricultura, porque sem ella não havia então meio de prover á sustentação dos monges; e isso presuppõe, de necessidade, que vivia por ali gente que cultivava as terras da congregação, ou, pelo menos, fazia outros serviços indispensaveis, quando os proprios monges não eram os cultivadores. (*Hist. da Administr. pub.*, II, pag. 22).

do trigo, a qual effectivamente chegou a attingir certo grau de desenvolvimento, decaindo posteriormente á suppressão do mosteiro.

Nenhuma outra industria existia, e o commercio éra tambem rudimentar. Os mercados de louça, que desde epochas afastadas se effectuavam (como hoje) duas vezes por anno no largo fronteiro ao convento, não são um indicio de prosperidade, porque essa louça vinha toda de fóra.

E teriam ao menos os frades contribuido, por alguma forma, para o bem estar das populações ruraes?

Crêmos que nem isso.

Os monges de S. Bento, que foram donatarios de uma parte muito consideravel do actual concelho de Santo Thyrsó, mantiveram por largos seculos numa forte oppressão economica os habitantes das aldeias. Foram verdadeiros senhores feudaes, subjugando os cultivadores das terras quasi como se estes fossem servos da gleba.

Pelo regimen dos emprazamentos de vidas, que vigorou ainda em pleno seculo XIX, e no qual se estipulavam as mais duras clausulas (1), os *vassal-*

(1) Nesses emprazamentos, que se renovavam de tres em tres vidas, com successivos aggravamentos de pensão, o emphyteuta obrigava-se quasi sempre, alem de varias obrigações acompanhadas da pena de commisso, e dos onus communs de fóro e laudemio, ao pagamento da luctuosa (prestação odiosa, a pagar quando fallecia o foreiro), a deixar cortar madeiras nos terrenos do prazo, a albergar os frades e seus creados quando por ali passavam, a não acceitar

los do mosteiro, sem independencia economica, e sem a possibilidade de a alcançar, não poderiam em tempo algum criar uma villa e um concelho como o que actualmente possuem, porque, a bem dizer, toda a riqueza da região ia parar aos cofres do convento.

Eis o nosso modo de ver sobre o assumpto.

Ninguém poderá negar que os frades prestaram importantissimos serviços, sobretudo ás letras e ás sciencias, em determinados periodos da historia (1); mas no campo da econo-

procurações contra o mosteiro, a responder perante quaesquer justias onde fosse citado, etc. E o caracter de servidão resultava nitidamente do compromisso, que os emphyteutas tomavam para com os frades, de ser sempre «obedientes e bem mandados, servindo-os com suas pessôas, bois, carros e cavalgaduras» sempre que fossem chamados. E' isto o que se lê ainda nas ultimas renovações de prazos.

(1) Mas, ainda neste particular, é preciso não exceder os limites do razoavel no elogio das ordens monasticas e dos seus membros. Dizer, por ex., como o sr. A. Pimentel, (pag. 14) que «os Brandões de Alcobaça firmaram com seguro critério (1) os alicerces da historia geral do país na *Monarchia lusitana*» (!!), é verdadeiramente uma heresia em materia de critica historica.

Dos monges de Santo Thyrsó cita poucos o sr. Pimentel, e nenhum notavel; e poderia ter citado um, bem digno de menção, porque é illustre na historia da pharmacologia portugüesa: — Frei João de Jesus Maria, que foi administrador da botica do mosteiro de Santo Thyrsó e auctor da celebre *Pharmacopea dogmatica*, obra volumosa, em que,

mia o sêu papel é bem pouco altruista e sympathico, não obstante a caridade que largamente desenvolviam.

\*

Estamos encarando a questão dos frades apenas sob o ponto de vista economico e do progresso material da villa e concelho.

Seria tambem curioso encarar-la sob o ponto de vista moral; mas não temos elementos para formar juizo seguro quanto a esse aspecto.

E' sabido que os conventos, como todas as instituições, tiveram as suas epochas de decadencia.

Diz-nos o sr. Alberto Pimentel que lhe parece não haver motivos para presumir terem-se dado graves escandalos no tocante aos frades de Santo Thyrsó, porque o nosso mosteiro era «de aposentação» e portanto constituído por frades quasi todos inválidos (pag. 43).

Vamos, para terminar, narrar um episodio tragi-comico, succedido com um frade thyrsense nos ultimos tempos da vida do convento, e que mostra não ser inteiramente fundada aquella presumpção. Esse episodio é, segundo crêmos, verdadeiro, porque

a par de outros merecimentos, ha o de ter um capitulo especial sobre as aguas mineaes, e que é, segundo um erudito escriptor, «a primeira publicação nacional em que se encontra a menção de aguas mineaes artificaes» (dr. Maximiano Lemos, *Hist. da Medicina em Portugal*, vol. II, pag. 190.)

anda na tradição oral, e porque, além d'isso, o vimos authenticado por uma carta do erudito investigador bracarense, dr. Pereira Caldas (1).

O ultimo morgado de Barrimau, José Narciso Pereira de Castro, era casado com uma senhora honestissima, D. Maria Clementina. Havia na sua casa a tradição de receber com galhardia as numerosas visitas que a frequentavam; e entre essas visitas contavam-se alguns beneditinos de Santo Thyroso.

Um d'estes, tentado por um infernal demonio, que de todo lhe transformara o juizo, deixou-se fascinar pela formosura da morgada, e levou o seu dementado atrevimento até fazer-lhe a côrte.

A fidalga, ao perceber os intuitos do monge, ficou tomada de assombro e de uma grande inquietação. Hesitou a principio em revelar o segredo ao marido, porque receava algum desforço violento em excesso; mas, em face da insistencia com que o ousado D. Juan a perseguia, dirigiu-se ao morgado, a quem contou tudo, suppliando-lhe que possesse um termo áquella situação, mas evitando qualquer escandalo ou crueldade.

José Narciso ouviu a narração da esposa sem um movimento d'espanto, e, após poucos momentos de refle-

xão, convidou-a a escrever ao frade, ditando elle mesmo a carta. Ella obedeceu, sem comprehender, mas toda tremula de susto, na vaga previsão de proxima catastrophe, apesar dos protestos do marido, que prometia apenas admoestar o frade.

Pouco depois recebia este no mosteiro uma carta da Morgada de Barrimau, convidando-o para uma entrevista nocturna, e designando o dia e a hora em que o receberia.

Muito antes, já o libidinoso beneditino vinha subindo o caminho que dava ingresso a Barrimau.

A' hora marcada, o lascivo monge, offegante, com o coração aos pulos, entrava na porta do solar, que encontrou apenas cerrada. Pé ante pé, ás apalpadelas, encaminhou-se pelo corredor para o aposento destinado á entrevista. Encontrando tambem aberta a porta d'esse aposento, e divisando um vulto ao fundo, deu dois passos, e, arfante de luxuria, sem poder soltar uma palavra, foi cahir... nos braços do morgado.

Está o leitor fantasiando que José Narciso se encontrava armado de algum nodoso cacete, e que com elle amolgou as costellas do intruso visitante. Mas não. O morgado empunhava na dextra uma... seringa, que encheira de agua fervente (1), e com a qual se preparava para dar um clyster ao hospede surpreendido. Pare-

(1) Ou de qualquer liquido corrosivo, segundo outra versão.

(1) Essa carta foi dirigida ao nosso amigo sr. Ayres Azevedo, distincto solicitador n'esta villa, e tem a data de 22 de setembro de 1901.

ce que a operação não decorreu sem resistencia, porque o operado, chamado á realidade do mundo, procurava «fugir á tóa aos bicos da seringa», ficando porem «tão mal-tratado, que para logo adoeceu, e passados alguns tempos morreu». Assim o conta o dr. Pereira Caldas.

E conta mais que se instaurou processo, que o morgado conseguiu sustá-lo temporariamente, mas que por fim fugiu para o Porto, então cercado pelas tropas miguelistas, alisitando-se como voluntario nas hostes de D. Pedro e tomando parte na marcha sobre Santo Thyroso e na entrada do exercito liberal na villa, em 26 de março de 1834.

Assim remiu o seu crime.

Foi durante o cêrcio que travou relações de amizade com o dr. Pereira Caldas, que foi seu companheiro de armas, e que contou o que fica narração como sendo «o que no Porto era corrente, em relação á fugida de José Narciso para o cerco». (1)

Antonio A. Pires de Lima.

(1) Camillo Castello Branco, na *Brasileira de Prazins*, apresenta o ultimo morgado de Barrimau como antigo major de cavallaria, convenconado em Evora Monte e ainda depois «miguelista intransigente»; e dá-o como solteiro, e com o nome de Zeferino Bezerra de Castro. São sem duvida fantasias e liberdades de romancista.

## Quadras

I

Anda a agua da ribeira  
A dizer coisas sem par...  
Diz e corre e de canceira  
Até já nem pode andar.

II

Doce olhar do meu amor  
Traz a gente enfeitada:  
Cristalizou minha Dôr...  
— Deus l'o pague, minha amada!

III

Canções tristes dos pinhaes  
Tem uma harmonia extranha.  
São tristes, parecem ais...  
— Santa reza da Montanha!

IV

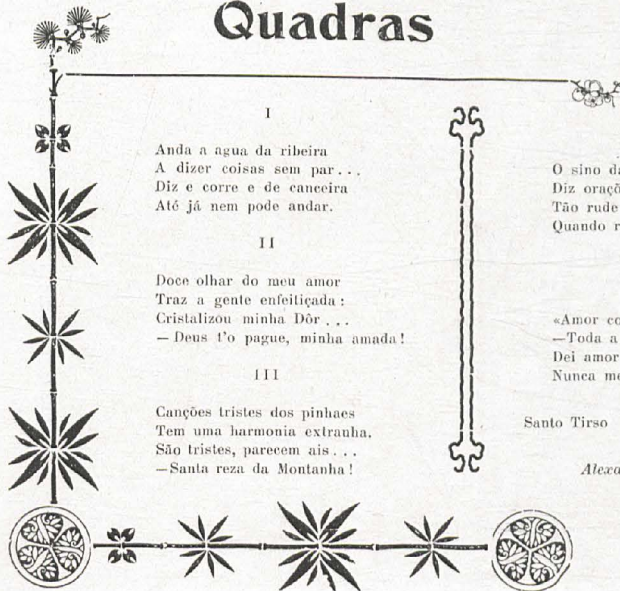
O sino da minha egreja  
Diz orações á tardinha...  
Tão rude... bendito seja...  
Quando reza a Ladainha!

V

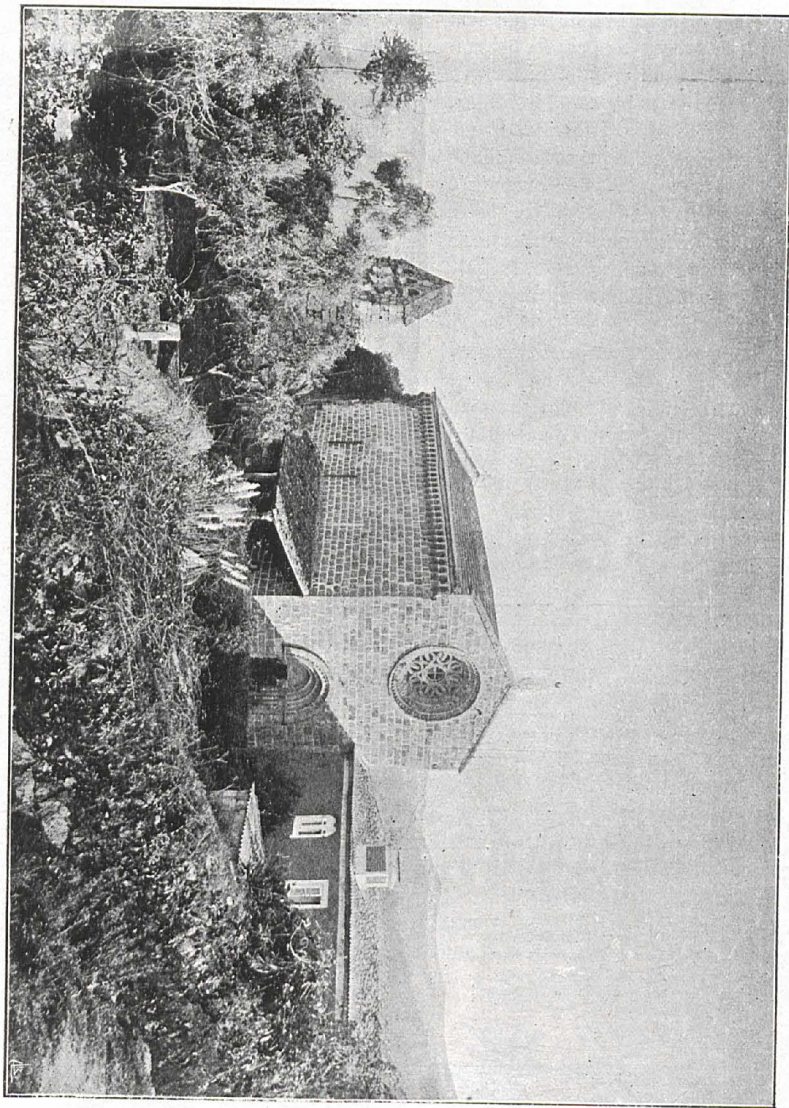
«Amor com amor se paga?»  
— Toda a gente diz que sim.  
Dei amor ao meu amor  
Nunca me pagou a mim!

Santo Tirso

Alexandre Francisco Ferreira.







## ANTAS DE ALVARELHOS

A melhor prova da existencia do homem preistorico no vale de Alvarelhos, está no grande numero de Antas que houve outr'ora esparsas por esta região, das quais ainda se encontram restos venerandos, condenados, infelizmente, a desaparecer ás mãos dos que, em tais momentos, só veem esconderijos de tesouros encantados! Já os romanos violaram, em grande parte, esses jazigos sagrados, no intuito de se apossarem dos objectos neles contidos, que procuravam para usos supersticiosos, segundo parece; e, desde então, sempre foram, por motivos diversos, remexidos, por varios agentes destruidores, os despojos funebres do homem neolitico, de modo tal que, se formos hoje procurá-los para estudos, sómente encontramos cacos em reduzidos fragmentos e pouco mais!... De forma que os *Calenderes*, de picaresca memoria, que existiram em Alvarelhos no meado do seculo 19, sonhando com um diamante monstro e revolvendo tudo para encontrá-lo, não foram mais que continuadores da obra de destruição iniciada pelos representantes do povo rei; nessa obra tinham já colaborado tambem os visigodos, como parece provar-se

pelos fragmentos de ceramica da propria industria, deixados entre os restos do mobiliario do homem preistorico, quando procederam de certo a novos remeximentos. Mas o que veio pôr o remate a tudo foi a contenda levantada na idade media, entre o rei e os grandes senhores, que mal pôdem ser desculpados pela insciencia demonstrada no arrasamento de preciosos monumentos, como aquê- le que existia em Alvarelhos, e de que ficou memoria na seguinte passagem das «Inquirições»:

«... o termo de Çidoy partia com orregueengo dellrey daluarelhos pela Anta que estaua so (sob) Çidoy anteque cheguem aorryo a qual derribaron os caualleyros depois que andarom em demanda com ellrey sôbrella jgreia.»

Efectivamente foi essa anta de tal modo derribada, que déla nenhum vestigio ficou, a não ser no onomastico, o qual dá, entre Cidoi e o lugar de Sá, um terreno denominado a *Mú-moa*, que tenta o investigador a localisar ali esse monumento destruido.

Alem desta, muitas Antas, como ficou dito, existiam em todo o termo de Alvarelhos. Algumas ainda se veem, quasi desfeitas, na parte in-

culta do terreno, mas inexploradas; outras, e sobretudo no alto da Serra de Santa Eufemia, principalmente no Monte Grande, já foram exploradas, na maior parte, pelo Dr. Felix Pereira, do *Museu Etnologico* de Lisboa, por Ricardo Severo, da *Portugalia* e por quem escreve estas linhas; mas os resultados dessas investigações scientificas estão ainda ineditos.

Sabendo-se, não obstante, que, nessas escavações, appareceram cacos de louça grosseira trabalhada á mão, sem auxilio da roda de oleiro, objectos de pedra polida, de silex e grande quantidade de mós, sobretudo numa antela do Monte Grande, que mais parecia uma fabrica que uma jazida, pôde formar-se alguma ideia do viver do homem preistorico de Alvarelhos, desse homem que, num estado semi-selvagem, já se empregava na agricultura, já principiava portanto a lançar raizes na terra em que fixaria residencia permanente, deixando a vida nomada e agitada para se ocupar mais dos seus rebanhos, da construção de abrigos que o livrassem das intemperies e lhe dessem mais um pouco de comodidade.

Os primitivos habitantes de Alvarelhos tinham uma noção, embora obscura, da immortalidade: — lá collocavam junto dos seus mortos mais illustres os objectos de que haviam feito uso para que, *na outra vida*, deles podessem utilisar-se. Ha mesmo vestigios dum culto religioso nessas *machadinhas polidas* que apa-

receram na terra de Alvarelhos, como se pôde ver no final do pequeno estudo — *«A Necropole de Canidello»* — publicado no ultimo fasciculo da *«Portugalia»*, objectos que não podendo ter uso utilitario, são considerados *votivos* pelos melhores mestres e portanto atestados da existencia duma crença religiosa no territorio onde habitavam os homens, que depois se foram reunindo em sociedade até formarem esse nucleo denominado, mais tarde, — *Civitas albarelhos*.

Antes, porem, de chegar a este grau de civilisação, o primitivo habitante destas terras viveu no desconforto, em lutas constantes com aqueles que vinham disputar-lhe a gléba que agricultava em pequena escala, ou roubar-lhe o reduzido rebanho, que lhe dava o leite, a carne para se alimentar e as peles com que se cobria.

Nessas lutas empregou o machado de pedra polida, que segurava, talvez num cabo semelhante ao das talhadeiras dos nossos ferreiros, e com essa arma de guerra ora se defendia, ora acometia o inimigo e sempre combatia com os animaes ferozes que o rodeavam.

E' comovente o contemplar agóra, nos jazigos desses heróis dos tempos idos — nessas antas violadas, — os restos das armaduras que usaram, e que, mesmo depois de mortos, quiseram conservar ali, á mão, *para o que desse e viesse!*...

(Segue)

Ab.º SOUSA MAIA.

## ROMANCES, NOVELLAS, DICTADOS E VOCABULOS POPULARES

Como bom filho da nossa linda terra, vi com entusiasmo surgir a revista — *O Ave* — lançando raizes no terreno mais firme: a historia, as tradições, o progresso de Santo Thyrsó. Oxalá nunca se desvie, e viva sempre longe das paixões vulgares, que só servem para alimentar odios.

E uma obra de ruina num país pequeno, dividido, onde á riqueza do solo corresponde uma debilidade moral no homem, é um crime horrivel. Crear deve ser a obra de todo o bom portuguez, numa lucta tenaz contra os desfallecimentos da vontade, contra as fraquezas do temperamento. E não conheço meio mais effizaz para espertar forças do que a evocação da nossa historia, o carinho pelas tradições, o appélo aos sentimentos populares.

A revivescencia da nossa raça não é tarefa que venha de cima para baixo.

Os governantes podem auxiliar, mas nunca substituir. De contrario, Portugal, em vez de elevar-se a uma altura desafoçada e livre, irá fatalmente penetrando, ás sacudidelas, num abysmo sem fundo.

A sociologia moderna começa a estudar o individuo, a familia, o tra-

balho, as necessidades, as crenças, os costumes, para descobrir as leis adaptaveis a cada nação.

Segundo este principio, que não pode ser seriamente contestado, ha leis defeituosas que não podem modificar-se de um modo radical, e leis boas, consideradas theoreticamente, que se tornariam pessimas quando transportadas sem arte do país onde condensam os costumes para um meio dominado por outras ideias.

Quem quiser representar a nação ha-de ir ao seio della, não guiado pelo estrondo das festas suggestionadoras que illudem, mas sim como estudioso, levando o espirito desembaraçado para registar todas e quaesquer indicações.

Um mandato, para ser legitimo, deve ser obtido assim, experimentando forças, colligindo ideias, attendendo á vida de todos os cidadãos. E' facil de comprehender como a lei, cujas disposições fundamentaes eram já applicadas geralmente, pôde guiar no sentido onde estão postas as vistas do legislador. O genio do homem, alliado ás tendencias da raça, produz obra estavel e duradoura; isolando-se, não levantará edificio susceptivel de resistir duas vidas.

— Assim como a sociologia vae assentar os seus alicerces no fundo popular, não se admite tambem verdadeira litteratura portugueza que não estude caracteres nossos, que não investigue os factos da nossa vida, que não reproduza scenas reaes, que não exponha conscienciosamente os vicios e as virtudes, as fraquezas e as energias da nossa raça, que não empregue a nossa linguaagem, que não vá enfim inspirar-se nas fontes populares.

Educado na aldeia, ouvindo de longe a longe alguns romances tradicionaes, escutando os contos de fadas e da mourisma, vendo num dictado o resumo de repetidas observações e o resultado da experiencia, lidando com os jornaleiros, cujo vocabulario, ás vezes puramente classico, é uma eterna mina de investigações interessantissimas, sinto ha muito uma atracção irresistivel para o estudo dos romances, novellas, dictados e vocabulos populares de Santo Thyrso. Não me falta boa vontade, nem alma para comprehender a delicadeza e a importancia da tarefa. Falha-me, porém, a preparação indispensavel. Irei dizendo o pouco que sei e o que fór investigando, e, quando não possam aproveitar-se os materiaes desageitadamente alinhados, nem tudo será perdido: Algum conterraneo, acudindo á chamada, talvez revele applicação mais cuidada ou acorde do entorpecimento em que jaz. E deste modo, indirectamente, será attingido o meu

fim, dando-se mais uma vez razão ao apologo: «*Tambem quem rodeia chega e ás vezes primeiro que os que atalham*». (1)

— Passarei por arrojado, naturalmente, considerando o *Romanceiro* como a obra mais importante de Garrett. Não importa: os romances, quer na sua forma primitiva, quer depois de artisticamente compostos pelo escriptor, deixam na nossa alma uma impressão profunda e salutar.

Não enrijam apenas as prisões que nos ligam á historia e á patria. Lendo-os, insinua-se no nosso espirito a ideia, cada vez mais precisa, de que estamos intimamente aparentados com os habitantes de outras nações.

Ao vermos a «*Bella Infanta*», o «*Conde Yanno*», a «*Silvaninha*» o «*Bernal Francês*», o nosso coração opprime-se dolorosamente, comparando a delicadeza, a suavidade ingenua dessas composições que se vão desvanecendo na alma popular, aos versos hoje mais em voga, geralmente cheios de allusões politicas, ou impregnados de um sentimentalismo artificial e absurdo. — Ir procurar os elementos dos romances, reuni-los, chamá-los á vida, derramando-os profusamente, é pois um dever de bom patriota.

(1) — D. Francisco Manuel de Mello — *Dedicatória do Hospital das Letras* — *Apologos dialogaes*.

A «*Silvaninha*», por exemplo, cujo enredo Garrett aproveitou na elaboração da sua admiravel «*Adozinda*» persiste na tradição oral do povo de Santo Thyrso com o nome de «*D. Silvana*».

O principio da «*D. Silvana*» é o da «*Silvaninha*»; o resto uma variante, parece-me, do «*Conde Yanno*».

— E' maior a riqueza nos contos tradicionaes.

Não é difficil descobrir nas nossas aldeias montes, outrora coroados de castellos, que a imaginação popular ainda hoje povoa de mours encantadas.

Quantas novellas, ouvidas na infancia vamos encontrar na collecção de Theophilo Braga!

Os contos deste auctor, exceptuando o trabalho preliminar que nos obriga a correr os astros, entre explicações pitorescas de casos intrincadissimos, deviam ter exercido uma influencia muito maior que outros trabalhos do mesmo, onde a independencia do historiador cede timidamente o passo á paixão do sectario.

As novellas são as primeiras narrações que despertam o interesse das creanças, as primeiras obras que ellas leem com delicia, as composições mais simples que podem escrever num estylo perfeitamente conforme ao desenvolvimento do seu espirito.

Uma creança de doze annos pensará meia hora no processo de exprimir os seus conhecimentos so-

bre qualquer assumpto e difficilmente conseguirá ficar satisfeita e agradar. Mas desde que tenha a vantagem de escolher um conto, as expressões singelas, elegantes e correctas, enredar-se-hão naturalmente, deixando muitas vezes atarantada a ignorancia petulante dos mestres.

— Passando aos dictados, reconhecêmos que o povo em duas palavras consegue resumir o resultado das suas observações sobre o tempo, colheitas, etc.; apresenta um conselho nascido da pratica da vida; photographa a moralidade dum homem.

E os dictados, os adagios, os apologos, atravessam as gerações, conservando quasi a mesma forma.

Considerêmos alguns, colhidos em Francisco Manuel de Mello, ao lado de outros, frequentes na linguagem dos camponeses:

1) — «*Nunca o invejoso medrou nem seu vizinho*» — (Feira dos Anxins, d. 5.º § 4.º).

— «*Nunca o invejoso medrou nem quem ao pé delle morou*» — (Santo Thyrso).

2) — «*Que o comer e o coçar por demais é começar*» — (Feira, d. 5.º § 5.º).

— «*O comer e o coçar está no começar*» (Santo Thyrso).

3) — «*Quem tem filhos tem cadilhos*» (Feira d. 6.º § 1.º — Santo Thyrso).

4) — «*Pelas luas se tiram as marés e as cartas pelos sobscriptos*» (Apologos dialogaes — Visita das Fontes).

—«Pelos domingos se tiram os dias santos» (Santo Thyrso).

5)—«Não ha cego que se veja» (Feira d. 4.º § 3.º).

—«Não ha tolo que se conheça» (Santo Thyrso).

6)—«Os parentes são os meus dentes» (Santo Thyrso).

—«Primeiro são dentes que parentes» (Feira, d. 1.º—Fernam Lopes, chronica de D. João I).

Se não me precató, lá ia eu atacando cegamente a parte especial de uma missão pela qual desejo apenas agora roçar ligeiramente.

Não é menos interessante a selecção dos vocabulos que andam perdidos para a linguagem escrita.

Recorremos muitas vezes ás linguas estrangeiras, quando na nossa possuimos meios abundantes, elegantissimos, de exprimir o nosso pensamento.

Nas obras de Camillo, escriptor que imitou, mas que ninguem póde imitar—ideal da originalidade segundo Chateaubriand—não se admiram apenas quadros reaes da natureza, caracteres nossos inconfundiveis, scenas de observação genial; assombra-nos a variedade nos dizeres, a abundancia dos vocabulos que

o observador profundo foi arrancar frequentemente ás falas do povo, fixando-os para sempre.

—Continuando neste caminho, o campo é vastissimo. As crenças, as superstições, as feitiçarias, os costumes, os remedios para a cura das doenças, multiplicam-se infinitamente.

Citarei apenas, entre as dezenas de factos que conheço, a crença de que as feridas do assassinado sangram quando o assassino se aproxima. Esta é lindissima, antiga e não exclusiva da minha terra.

Já Shakespeare a registou:

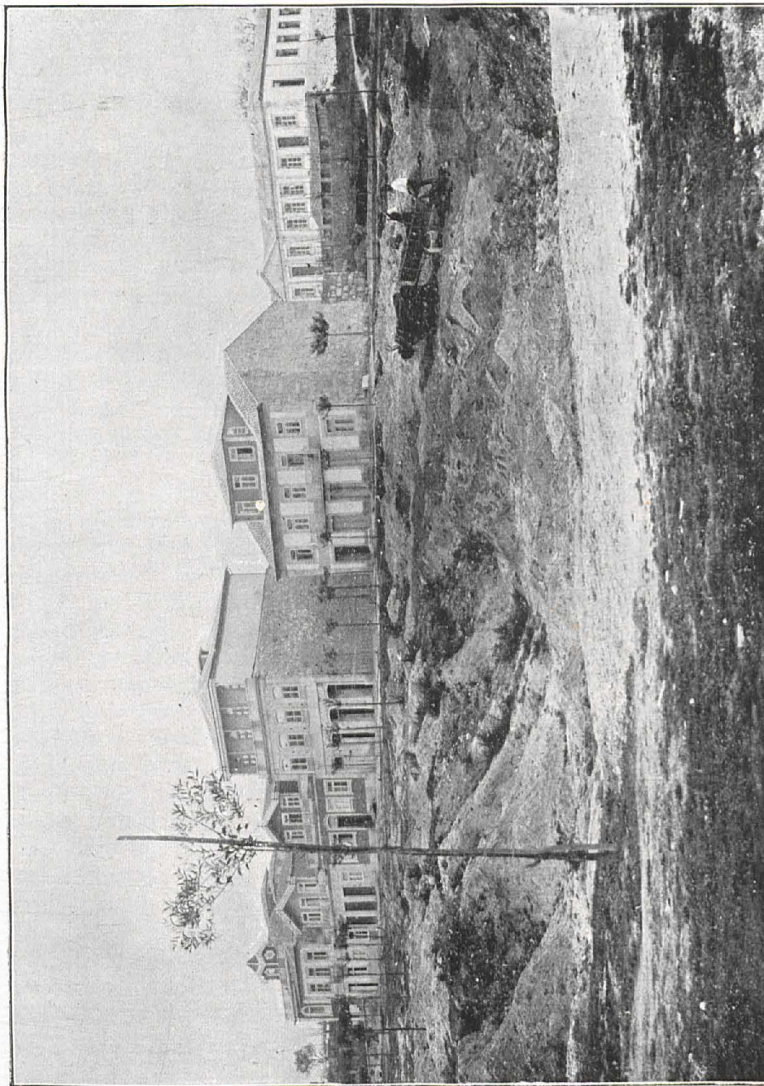
*«O gentlemen, see, see! dead Henry's  
Wounds  
Open their congeal'd mouths and bleed  
afresh!»*

*.....*  
*From cold and empty veins, where no  
blood dwells,  
Thy deed, inhuman and unnatural,  
Provokes this deluge most unnatural».*

—Assim se dirigia Anna a Ricardo 3.º—o cynico criminoso admiravelmente caracterizado.

Santo Thyrso, 22 de julho de 1912.

Augusto C. Pires de Lima.



Alterro para a construção da antiga Praça (hoje Parque) Conto de S. Bento. Ao lado direito, na frente do edificio das Escolas, que está á vista, tem actualmente o Hospital. (Coll. de José de Vaz) (Coll. de José de Vaz)

## A Fonte da Maria Velha

Na fonte, que andar sempre falda,  
dizendo ai, ai... a agua anda a gemer,  
com a doçura e a gra descuidada,  
de quem nem sabe pra onde vae, sequer.

Fria como um cristal, quase gelda...  
ai, como sabe  gente, ir l beber  
a agua, que se esforça até, coitada,  
para no proprio estio, iuda correr.

E como não lhe sobre a gra infinda  
que d'ela nasce, a fonte tem ainda  
a sua lenda que correndo vae...

«Que quem l fr beber a agua fria,  
se alguem l fr, e a beber um dia,  
que nunca mais da minha terra sae...»

Santo Tirso.

LUIZ COELHO.

## A decadência física do homem

Que a humanidade está em via de degenerescência física  uma verdade repelida por muitos e que não  rigorosamente apreciada mesmo por aqueles que a admitem.  vulgar dizer-se que os homens de hoje, os homens civilizados pelo menos, estão muito abaixo, em robustez e longevidade, dos nossos bárbaros antepassados.

E não falta quem atribua essa lamentavel decadência  civilizao requintada que faz viver o homem num meio artificial tanto mais nocivo, quanto mais afastado das regras impostas pela mãe—naturza. Sucede mesmo que espíritos de menos que mediana envergadura ou animados dum ncia insofrida de reclamo e publicidade proclamam como condio imprescindível de saude o regimen vegetariano puro (assim a modos de herbivorismo) e a exposio da carcassa nua aos raios do sol e s inclemncias do tempo.

São estes rdculos que comprometem fundamentalmente uma campanha que os factos demonstram ser imprescindível e urgente.

E essa necessidade revela-se a mim dobradamente imperativa, depois que tive ocasião de examinar centenas de

rapazes nas inspeces militares, podendo assim verificar dolorosamente o dessoramento da nossa velha raça.

Tanto nas montanhas da Beira-Alta, a oitocentos metros de altitude, habitadas por pastores com hábitos rudemente primitivos, vivendo constantemente mergulhados no ar puro e inconfinado, como na beira-mar, povoada de pescadores com os músculos exercitados na luta contra as vagas, e os pulmões cheios do ar salino e excitante do mar largo, eu encontrei com surpresa e íntimo desalento a mesma decadência, a mesma inferioridade.

Raras vezes metade, muitas vezes um terço apenas dos mancebos de vinte anos, são considerados aptos a pegar em armas, como defensores do país!

 este um facto de certo modo pavoroso para uma nacionalidade, e que tem passado completamente desconhecido entre nos, ou desprezado, o que  pior, mas que  indispensavel pôr em relêvo, trombetiando-o aos ouvidos voluntariamente surdos, expondo-o cruamente aos olhos propositalmente fechados do nosso público, para que se tente remedia-lo enquanto  tempo.

Mesmo abstando do ponto de vista militar, o facto averiguado de mais de metade dos portuguezes de vinte anos ser constituído por aleijados, por doentes, por inferiores é desolador e é alarmante.

Bastas vezes tem sido acusado este pais de caminhar sonolento e atrasado na civilização dos povos; mas essa accusação, sem ser de todo injusta, mais nos deveria servir de estímulo do que de desalento. Um atraso de dez, vinte, cincoenta anos, com relativa facilidade e rapidez se pôde recuperar.

Temos aí o Japão que se encarregou de demonstrar de maneira bem evidente e bem sonora esta verdade. Mas um povo que deixa perder a vitalidade da sua raça, que a deixa decaír inconscientemente ou indiferentemente é um país votado a um próximo aniquilamento.

E' bem certo que a decadência física da espécie humana, da raça branca sobretudo, é um facto geral e poderia servir-nos de consolação, embora triste, o facto de sucumbirmos em boa companhia...

Mas nem essa consolação podemos esperar; outras raças, tendo entrevisto o perigo e sendo dotadas de espirito eminentemente pratico, vão desde já iniciando uma campanha contra elle, campanha que não podendo travar desde já a corrente, é todavia uma promessa para o futuro.

Os inglezes e norte-americanos sobretudo, são os iniciadores da obra grandiosa de revigoroamento da raça.

E' esse um problema que lhes merece atenções particularissimas, como coisa que envolve estreitamente o futuro destino da sua descendência.

Os maiores sábios desses dois países estão empenhados na luta e, ainda recentemente, se reuniu em Londres um congresso da nova sciência, que donominam *eugénica* por empregar os dados scientificos para a obtenção duma raça humana mais vigorosa e fisicamente mais perfeita.

Essa campanha é desconhecida, ou pouco menos, entre nós e aquelles que a conhecem, divulgam-na com uns ares superiores de troça, como coisa só digna de ser levada ao ridiculo e á chalaça.

Quem sabe se esses ares de desdenhosa superioridade não tem muito do espirito dos vesgos e corcundas que olham com inveja os homens dotados de bela e desempenada estatura...

Mas o que isso demonstra tambem é o espirito de *blague* que herdamos dos francezes, traduzindo a sua ligeirês e inconsistência, sem todavia atingir o brilho que o distingue lá.

A espécie humana degenera e, o que é interessante, degenera mais rápida e profundamente do que qualquer espécie de animais inferiores. Facto devido a um privilegio que distingue o homem e, a este respeito, bem triste privilegio. E' sabido como os animais domésticos são protegidos da degenerescência; os criadores inteligentes mantem os animais em boas condições de salubridade e,

depois, tem o cuidado de escolher para reprodutores os melhores exemplares, eliminando inexoravelmente os individuos imperfeitos. Mantem assim a raça sempre pura e conseguem mesmo grandes aperfeçoamentos. E' o que se chama a selecção artificial.

Os animais selvagens, do mesmo modo, tambem não estão expostos a sofrer qualquer degenerescência, embora não haja nenhuma intelligência superior e regular a descendência. A natureza cega encarrega-se de fazer eficazmente a selecção.

Quando no meio duma espécie selvagem surge algum individuo degenerado, fisicamente inferior aos da sua tribu, esse nenhuma probabilidades tem de sobreviver, pois difficilmente consegue alimentos que os mais fortes monopolizam, sendo assim inexoravelmente eliminado, sem que possa deixar filhos estigmatizados com os seus caracteres de inferioridade. E' isto que se chama a selecção natural.

Pois o homem na sua, a este respeito, pouco invejavel situação de rei dos animais, está fóra das condições que regem os animais domésticos e os animais selvagens. Não tem, como os animais domésticos, o cuidado intelligente do criador a velar por que a raça não degenera, e por que não se mantenha no rebanho qualquer animal imperfeito, evitando acima de tudo que esses transmitam o seu sangue impuro á descendência.

O homem, pelo menos o homem

civilizado, tambem não tem, como os animais a selecção natural a corrigir os seus defeitos e a eliminar os degenerados. No estado selvagem, os fracos, os doentes, os loucos os imbecis, os aleijados nenhuma probabilidades teriam de sobreviver e atingir o estado adulto e muito menos de deixar descendência a que transmitir as suas taras.

O homem moderno, porem, dotado duma civilização pretenciosa, mas eminentemente imperfeita não obstante o seu brilho aparente, impede com um cuidado especial que sobre ele se exerçam as duras mas salutaras leis da selecção natural. Inventou mesmo uma virtude, a filantropia, altamente nociva, por mal dirigida, e que sendo para ele um grande motivo de orgulho, é para a raça uma activa causa de decadência.

Já houve mesmo quem protestasse contra as somas enormes que, em nome da caridade, se dispendem com os inválidos, com os incapazes, que muito consomem e nada produzem.

Eu não admito esse radicalismo cruel, como não admito que o homem, para corrigir os velhos defeitos do seu modo de viver, passe a vestir tanga e a alimentar-se de hervinhas — sonho dourado dalguns modernos *apostolos*. Isso seria voltar á selvageria primitiva, isso seria proclamar a falência da civilização, como fazem certos individuos de paladar derrancado por indigestos paradoxos.

E' preciso pôr de parte esses exa-

geros ingénuos ou charlatanesco e que teem tanto de ridículos como de contraproducentes.

Para fazer com que a humanidade tenha saúde e se robusteça em vez de degenerar, não carecemos de voltar á selvageria antiga; basta que apliquemos os dados adquiridos pela sciência, o mais belo produto e o melhor factor da civilização moderna. O que urge acabar é o facto vergonhoso e verdadeiro de merecer maiores canceiras a conservação duma raça pura de cães ou de cavalos, do que a conservação da nossa propria raça. O que urge é divulgar e publicar os preceitos da hygiene pública e parti-

cular, e impedir por todos os modos que os alienados, os criminosos, os degenerados de toda a espécie, continuem procriando, transmitindo e multiplicando na descendência as suas taras e aleijões.

São estas ideias, que hoje tanto preocupam os povos verdadeiramente civilizados, que eu procurarei explicar e desenvolver em artigos successivos, embora estas verdades ásperas destoem um pouco entre as páginas literárias desta bela revista, e vão chocar o velho espírito contemplativo e idealista dos nossos bons firsenses.

AMÉRICO PIRES DE LIMA.



## AUTO DO MEIO-DIA

Com este titulo publicou um livro de versos o snr. Alexandre Francisco Ferreira, auctor dos «Cantos d'Alma», e collaborador d'este numero do «Ave». E' um nosso conterraneo, de 15 annos, que começa cheio de entusiasmo, e que, apesar da sua idade juvenil, nos surprehende já com alguns lindos versos.

## ASSALTO DE PORTOS

Decorria o principio do ano de 1834. O senhor da Casa de Portos, José Carneiro da Sylva, commendador da Ordem de Christo e tenente coronel de artilheria de milicias (!) banqueteava innumerous convivas, n'um jantar ao ar livre na eira de sua casa a segunda em vastidão do concelho, n'uma tarde primaveril e calma. Festejava com ruidosa alegria uma supposta victoria de El-Rei, o Senhor D Miguel I. Na mesa scintillavam as pratas vindas expressamente da sua casa do Porto e uma sumptuosa baixella da India, grande, para cabimento dos jantares da epocha onde os carneiros assados, os leitões e as vitellas se ostentavam em toda a sua plenitude.

Tudo de grado na terra e algumas leguãs em redor por convicção politica ou por entranhado amor á succulenta culinaria, tinha vindo honrar o banquete do generoso amphitryão. E, um logar na mesa era apontado áquelle que, risonha e attentiosamente cumprimentava o senhor da casa ou suas irmãs D. Joanna de Sampayo, D. Anna e D. Josepha Carneiro. Esta dama era eximia tocadora de guitarra e dulcificára com algumas trovas da epocha a gulosa impaciencia dos convivas, terminando com o «Rei Chego» delirantemente aclamado.

O jantar, como costume do tempo principiára á uma hora e, sob toldos de linho preservantes dos ardores do sol terminára, quando este tombava no horizonte.

Dois aspectos tinham os convivas. Mui-to o olhar limpido e alegre de satisfação e talvez já saudade d'essa tarde tão bem passada; poucos, os desconhecidos esforçando

uma alegria comparada á de Judas de Iscarioth na memoravel ceia de Christo!

Houve depois quem censurasse o dono da casa pela sua incuria na introdução de alguns convivas de aspecto duvidoso, sobre quem mais tarde recaíram justificadas suspeitas de cumplicidade no facto que vamos narrar; mas como, entre tantos convivas, alguns desconhecidos, e podendo dizer ser quem não eram, seleccionar honestamente?

Acabado o jantar, ordens foram dadas em harmonia com a falta de segurança da epocha e as pratas acomodadas em caixotes seguiram acto-contínuo para o Porto.

N'uma data ingloria com a liberdade em perspectiva espreitando apenas por um oculo antes de se refestelar no leito que tão doces sonhos lhe deu e onde também horribeis pesadêlos curtiu, sem igualdade pois havia o arrojo de distinguir o bem do mal, a boa fé portugueza de lei, começava a abalar-se... Se, o senhor da casa velou providentemente pela segurança da prata, outro tanto não pôde fazer por si, nem pela sua familia como vamos vêr:

Meia noite. Jaz no mais tranquillo silencio a casa onde, apenas na cosinha se labuta na manipulação do pão de milho.

Ouvem-se assobios longe, accusando a existencia de estranhos.

Pouco tempo decorre e, pesadas pancadas sobressaltam os habitantes da casa e a lendaria intimativa *abra ou arrombo*, faz-se ouvir nas varias portas e por muitas vozes.

Carneiro da Sylva não era um poltrão. Tomando a sua durindana, espera o assalto, que se não faz demorar. As portas võem em achas e uma alluvião patibular in-

(!) Cartorio, da nobreza livro 8.º, folha 262, verso.

vade a casa. Só pôde fazer frente a um que assignala com violento gílvaz! Ferido, como morto, estava o senhorio da casa. A criação espavorida atória os ares n'um alarido covarde e só um servo, valente, o Bernardino, tenta defender o seu amigo e amo!

Mas, também o denodado campeão cede ao medo. Posto em fuga, escondido na barra da casa, ouve o apêllo feito á sua valentia de brigão, conhecida d'alguns dos assaltantes e conta mais tarde, n'uma linguagem rustica e leal, o maior ou talvez unico susto da sua vida.

Principiára o saque.

Arcas arrombadas, commodas abertas a machado, copas violentamente estilhaçadas. Tudo que havia de possível transporte era levado, o que se não podia levar, inutilizado.

D'ahi, poder-se suppôr que, além do interesse do roubo, havia também o intuito de uma vingança politica.

A senha dos bandidos era *Ferro* e outra palavra que não chegou ao nosso conhecimento, e pronunciada ela, rapidamente se evacuavam as salas, ou se enchiam d'intrusos.

Um dos assaltantes foi reconhecido, mas, como a denuncia ainda pouco usada em portuguezes de caracter, ia affrontar a honra d'uma briosa familia, ficou para sempre esse nome no olvido, e hoje jaz sellado pela morte d'aquelles que foram protagonistas d'esta scena.

A espingarda que deixou, accusando n'uma chapa de prata os braços de sua casa, foi inutilizada.

A D. Anna arrancaram-lhe um brinco violentamente da orelha e D. Josepha foi ferida n'um braço por um bandido.

Caso raro! foi outro que a medicou. Aqui fica registado, como agradecimento posthumo á memoria do scelerado, este seu acto de philantropia.

O assalto durou horas e deu tempo á reacção, mas não da vizinhança, coagida a um silencio pelas sentinelas bandiitinas que lhe haviam posto á porta.

Foi a povoação de Fontella que acudiu aos senhores de Portos. De traz d'um penedo, hoje cortado para esteios (triste fim de tanta benemerencia) ousados camponeses, com velhas armas de pederneira, zagalotearam os invasores.

Alguns tiros foram aproveitados, pois além de alguns feridos levaños pelos companheiros, os bandidos deixaram uma victima que appareceu morta, abraçada a uma figueira!

Foi enterrada na bouça das Pias, pertença de Portos e, ainda em creança era apontada ao chronista a sua ingloria sepultura em terra agreste, como maximo castigo para tamanho delicto!

Durante o assalto, os sinos das freguezias tocaram a rebate. Os da Lama e Sequeira, ininterruptamente.

De Santo Thyrso, alguém tentou o auxilio. Entre outros, Miguel Baptista Pinto d'Andrade, ainda rapazola e cavalheiro muito dedicado á familia de Portos.

Esbarraram e tiveram que retroceder, pelo superior numero de vedetas que os quadrilheiros tinham collocado no Vau das Vinhas, caminho de Portos.

Carneiro da Sylva sobreviveu, estancando a si proprio o sangue dos ferimentos com estrigas de linho que a Providencia lhe deparou n'um cêsto, no seu quarto de cama! E, assim recebêra, em treze facadas, o pagamento da sua galharda gentileza em haver dado um jantar politico, n'essa poetica e traiçoeira primavera de 1834.

Setembro de 1912.

Mario de Sampaio.

## A voz do povo

Musica  
e  
Letra  
de  
Luiz Coelho

- I — Bem ama quem não esquece — não esquece quem amar... como ha-de a gente esquecer quem vive no proprio olhar?
- II — Não vem só uma desgraça — a sorte que a gente tem... a desgraça não vem só, e a fortuna... nunca vem!
- III — O amor nunca tem leis — são privilegios, é sorte... o amor pode matar, que não tem pena de morte.
- IV — Quem pensa não casa, e casa — aquele que não pensar... — ai que nem c'o pensamento — se pode no amor tocar!
- V — Quem escuta de si ouve — pus-me a escutar, certo dia... e de mim, ouvi dos outros, o que eu nem de mim sabia!
- VI — Quem tem amores não dorme — coitado de quem amar... tantas penas traz consigo, que nem pôde descançar...
- VII — Amôr com amôr se paga — ninguém fie no ditado... quem não conhece a tristeza d'amôr e não ser amado?...
- VIII — Esta vida são dois dias — e mesmo assim é comprida... ai se pudesse mudar-se p'ra duas horas a vida...
- IX — As paredes têm ouvidos — mas são mudas, felizmente... ai se as paredes falassem o que não sabia a gente!
- X — Quem tudo quer, tudo perde — se isto tem de acontecer. ô meu bem, já te não quero, pra não ter que te perder...
- XI — Ninguém é mais obrigado depois de dar o que tem... dei-lhe o coração que tinha, dei o que pude ao meu bem!
- XII — Boa filha a casa torna — Deixei-te, tu me deixaste... tam bons amor's fômos sempre, que eu tornei, e tu tornaste...



e grata sobre a memoria d'essa senhora cujo nome se acha inscripto nos annaes do povo thyrssense.

Fallecida em 1890, ainda hoje o seu nome é pronunciado com veneração, respeito e gratidão.

E' a justiça que se impõe.

### D. Rosa Candida d'Araujo Andrade

Rosa no nome, no corpo e na alma. Toda a sua vida rescende um perfume suavissimo de virtude, de bem e de belleza.

Nascida de paes humildes, até sem os confortos d'uma regular mediania, foi esposa d'um dos primeiros capitalistas d'este concelho, Joaquim Maria d'Andrade. Uma dupla formosura — a physica e a moral — fez esse enlace matrimonial, auspicioso, bafejado pela fortuna, d'esses que o mundo chama felizes. Assim seria, realmente, se uma luz intensissima de brilho não lhe illuminasse aquella alma christallina na conquista d'um ideal superior.

Dotada d'uma belleza encantadora, era natural que essa avultada fortuna lhe servisse para emoludar a sua physionomia meiga e doce, d'uma candura impressionante, nos atavios caros e luxuosos que a vaidade inventa; nada, porém, d'isto. A modestia e a simplicidade são virtudes christãs; por isso em nada alterou os seus habitos, não abandonando sequer o lenço da cabeça ou os tamanquinhos quando chovia.

A vaidade, o orgulho não tinham guarida n'aquelle coração amavel e bom, humilde e puro. D'uma candura lyllial e d'uma fé ardente, todo o seu amor era para Deus e todo o bem para os pobres. Os gastos, pois, que outrem qualquer faria para render culto áquelles maus sentimentos, ella depositava-os n'um sorriso terno de piedade, mansamente, occultamente no seio da indigencia. Só a morte descobriu a extensão do bem que praticava, desde o pobre faminto e rôto que mendiga de porta em porta, até á misc-

Educada nos fecundos e sublimes principios da religião christã, foi uma christã de oração e acção que a tornaram uma filha digna, esposa modelo, mãe carinhosa.

Casada com José Maria de Souza Azevedo, solicitador encartado n'esta comarca de Santo Thyrsó, era um modelo no seio familiar, alliando n'uma conjunção harmonica os affectos de mãe amantissima com as obrigações d'uma verdadeira educadora, que tem por fim crear filhos bons e cidadãos prestadios á sociedade.

Comprehendendo, porem, toda a extensão dos seus deveres sociaes, não limitou a sua acção ao labor domestico, nem a tutelar, como o anjo, o ambiente do seu lar. Alliou o seu esforço ao d'outras senhoras, para que do seu conjuncto sahisse algo de bom e proveitoso.

Dotada d'uma forte boa-vontade e d'um espirito de iniciativa e esclarecido, a par d'um coração amorofo e compadecido, lançou as bases d'uma Casa de Saude, onde a pobreza faminta e miseravel começou de receber graciosamente um alivio á dôr e um lenitivo ao soffrimento. Toda a sua alma compassiva e boa se dedicou á germinação e crescimento dessa obra tão generosa e santa; todo o seu coração terno e amavel se consagrou a buscar-lhe seiva para que vivesse e produzisse os fructos que anteviu.

Daquella semente, fundada na Caridade e trabalhada pelo desinteresse, sem ambição nem vaidade, n'um ambiente perfumado pela virtude christã, transcendendo misericórdia e piedade, brotou uma arvore gigantesca, cuja sombra tem sido um doce remanso para innumerados desherdados. Eil-o: é o Hospital C. de S. Bento.

A historia da fundação e desenvolvimento d'essa pequenina Casa de Saude até chegar ao que é na actualidade, já aqui se fez, nas paginas d'esta revista; por isso julgo-me dispensado de a repetir. Para o caso presente, basta que se saiba que D. Maria do Carmo foi a alma impulsadora e directora d'essa grandiosa obra.

Eis porque a nossa admiração cae plena



Antes de dar começo á tarefa que me impus, quero saudar todos quantos concorreram com o seu esforço para o apparecimento d'esta tão sympathica, como util revista. Fallar das coisas da nossa terra, é reavivar episodios de familia, cuja recordação nos é intimamente querida; archivar-as em impressos é dar-lhes vida e tornal-os immorredouros através o desfiar do tempo, e entregal-os aos nossos vindouros para sua instrucção e utilidade. Por isso muitos parabens aos seus auctores e em especial ao seu incansavel director, dr. José Andrade, a quem encarecidamente peço para continuar no seu afadigoso e nobilitante labor.

As trez senhoras que hoje illustram esta galeria são gloria da nossa linda terra, que a natureza fadou para um grande futuro, e um exemplo eloquente e persuasivo, digno

### D. Maria do Carmo D. Rosa Andrade D. Maria Santarem

de ser imitado; são personalidades que Santo Thyrsó recorda com saudade, e cuja memoria venera com orgulho, porque se impozeram por si e pela sua acção beneficente á admiração e gratidão de toda uma sociedade.

Eis, porque, com preito de sincera homenagem, aqui archivamos os seus retratos, acompanhados d'uns fugidios traços biographicos.

### D. Maria do Carmo de Freitas Costa Azevedo

Nascida a 19 de julho de 1825, falleceu a 2 de outubro de 1890.

ria escondida e envergonhada. *Pertransit benefaciendo* — caminhou fazendo bem.

E assim se ia formando aquella aureola de santidade, aquella bella moral que prendia e captivava, que impunha respeito e admiração.

Como a borboleta vae para a luz e a abelha para o calice das flores, a sua alma limpida como um chrystal, diaphana como o azul dos ceus, voava incessantemente, n'uma aspiração ardente e viva, para a mansão dos Justos. A terra era demasiadamente pequena, e grosseiramente materialista para satisfazer-lhe a sublime anciedade d'uma ventura perene e para lhe saciar aquella sêde d'uma etherea espiritualidade, porque aspirava na doce visão do mundo d'além.

Creatura augusta, o seu goso pleno era a oração na Casa do Senhor, nas horas que os affazeres domesticos lh'o permittiam; afóra d'ahi fazia os seus exercicios religiosos a sós, com uma assiduidade pontual, resando e meditando horas seguidas, n'uma vivesa de fé, n'um fervor ardente, antegosando a perene fruição d'um mundo melhor; fazia as suas rezas, em extase, e passava noites inteiras, até á madrugada, deante do oratorio. Viveu assim D. Rosa Andrade, caminhando, caminhando sempre para a virtude para a Belleza Immortal — Deus, sem descuar um momento os seus deveres de esposa devotada e de mãe amantissima, que um marido venera e um filho adora.

Como cumpria essas obrigações, todo esse conjunto de deveres para com Deus, para consigo e os seus e para com o proximo, disse-o um povo inteiro ao ver em 18 de maio de 1903 desprender-se do envolvero terreno a sua alma, exclamando — *Morreu a Santa*.

*Santa* — eis a sua gloria e o motivo do nosso preito.

#### D. Maria Emilia Cardoso Santarem

Ao escrever este nome vêm-me aos bicos da penna aquellas palavras do psalmista-Rei:

*mulierem fortem quis inveniet* — a mulher forte quem a encontrará? Conhecedor do seu viver, sem hesitar exclamo: — eil-a. A mulher forte é uma luz e uma força: luz que illumina e guia, força que opera e produz.

Nascida em 18 de fevereiro de 1844, era filha de Joaquim José Cardoso e de D. Maria Corrêa de Miranda, da illustre Casa de Dinis. Em 15 d'outubro de 1873 desposára-se com Bernardino Alves Barbosa Santarem, de quem houve filhos, vindo a fallecer a 9 de junho de 1903, deixando após si um rasto luminoso de bemquerenças e de profunda admiração.

Quam justas eram e são essas benções e quam perduravel será a recordação da sua existencia, dil-o-ha o succinto esboço da sua physionomia moral.

Educada desde a mais tenra idade nos moldes antigos das nossas casas solarengas, a par d'uma crença firme e arreigada, era dotada d'um caracter recto e nobre, com um fundo de sinceridade e justiça que na actualidade a maior parte dos homens não possui. As maleabilidades no dizer ou proceder nunca poderam ajustar-se-lhe, nem mesmo as podia comprehender. Como tanto homem se envergonharia ao vel-a de aspecto nobre, porte erecto, franca no dizer e firme no proceder!

Com este temperamento psychologico, filho d'uma educação sadia e christã, era lhana no trato, criteriosa no conselho, meiga e bondosa para com os seus, compassiva e generosa para com os outros.

Era uma christã, sem respeitos humanos, profundamente piedosa, de fé viva e caridade ardente.

Era um exemplo, e por isso uma luz que illuminou e guiou.

Era tambem uma força que opera e produz. Firme e decidida na acção, não hesitava quando o momento se lhe impunha. Por isso a vimos todos nós, quando do pavoroso incendio dos claustros da Igreja matriz d'esta villa, conjuntamente com as suas amovaveis filhas, carrear cantaros e cantaros d'agua, num vaevem extenuante, para ali

mentar as bombas d'extincção. Nobre proceder. Era o seu temperamento.

Generosa e compassiva condoia-se com as dôres alheias.

Era n'estes transe dolorosos que ella evidenciava o finissimo quilate do seu coração amovavel, consagrando-se ao allivio d'esses afflictos, com palavras que eram lenitivos, com dedicações que eram um soccorro.

Compadecida e esmoler não era debalde que a indigência a procurava. A sua bondade conhecia a triste amargura de quem pede, as dolorosas privações de quem mendiga; por isso nunca um *não* lhe sahiu dos labios quando uma mão mirrada pela necessidade se lhe estendia. Era o sentimento do bem a expandir-se em ternas consolações e em santas esmolos.

Crete fervorosa, d'uma fé integra e pura, n'uma religião que é um balsamo e uma ventura, professava-a sem ostentação, mas com sinceridade e praticava-a com alma e amor. Era profundamente piedosa, assidua e diligente na assistencia a todos os actos de culto que queria ver sempre digno de Deus a quem

era dirigido e d'aquelles por quem era prestado. Por isso muito se consagrava ao seu esplendor. Por este motivo lhe é muito devedora a Confraria do Senhor dos Passos, porque relevantissimos serviços lhe prestou. Era a sua religiosidade concretisando-se em bem.

Trabalhou: foi util a si e aos outros. Era pois uma força que opera e produz.

Com estes predicados e sentimentos, como seria a esposa e a mãe? Dizel-a modelo e chamal-a dedicada e estremosa seria pleonasmio. Era a *mulher forte*, cuja memoria perdurará em nossos corações.

Eis em rapido esboço o que foram as tres senhoras cujas photographias esta revista hoje apresenta. Ninguém dirá que não estão bem aqui. São trez exemplos de grandesa moral, pelo que os seus nomes ficarão indelivelmente gravados nos annaes thyrnsenses.

P.<sup>e</sup> Augusto Gonçalo.



# BRaille

Como vêdes, meus senhores,  
Os cegos podem ter luz:  
Com estes simples pontinhos  
— Leitura para os ceguinhos —  
Toda a ideia se traduz.

Braille é como o sol-nascente  
Que aos proprios cegos dá luz.  
Seus lindos raios dourados,  
Até nos olhos fechados  
Por milagre os introduz.

Graças mil! Bemdito seja,  
Astro que Deus nos envia!  
Desfazendo a escuridão  
Com seu fulgente clarão,  
Transformou a noite em dia!

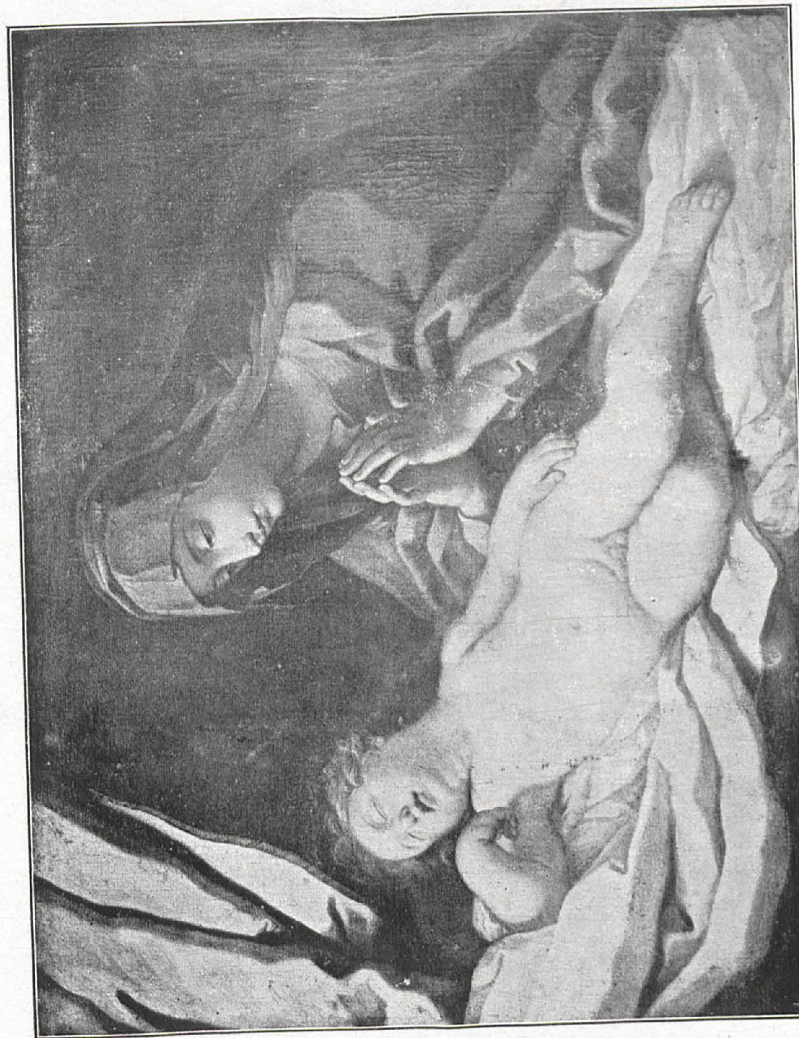
Os nossos olhos o seguem  
Como Astro da Providencia;  
Sua alma, feita de luz,  
Os pobres cegos conduz  
Pelo caminho da sciencia.

SANTOS MARQUES.

Trad.: © Ave — G. de S.<sup>o</sup> Thyrsó

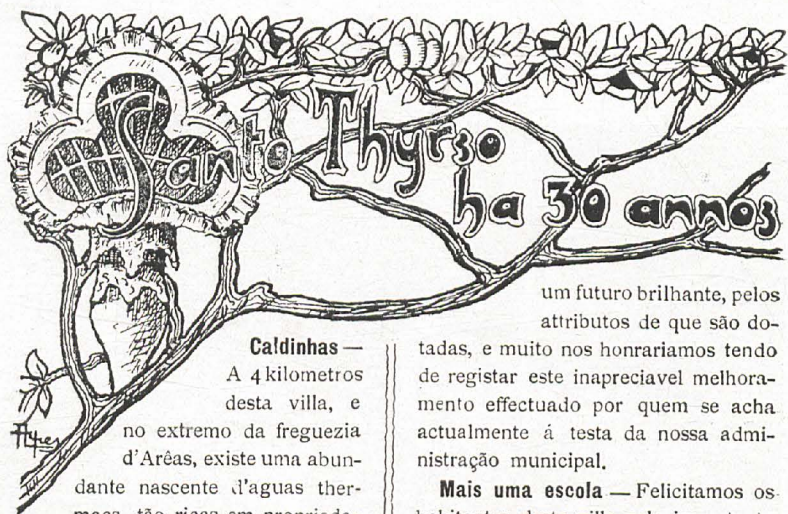
*Nota* — O sr. Manoel dos Santos Marques, cego desde os 12 annos, e que se encontra hospedado na Typographia Minerva, é professor particular de cegos e tambem de videntes; conseguiu um processo original de impressão para cegos, adequado ao processo Braille, e de cujo modelo apresentamos um especimen, a seguir a uns versos tambem seus.

Por este processo qualquer machina typographica serve para a impressão, dispensando-nos assim das extraordinarias despezas dos outros processos.



Este quadro a óleo, de auctor desconhecido, mas que tem grande valor artistico, mede 1<sup>m</sup>.30 x 0<sup>m</sup>.45, e pertence ao Rev.<sup>o</sup> Abade Joaquim Pedrosa, que o adquiriu na casa do Burgo, em Landim, tendo já recebido optimas ofertas de compra.

Ciudad de Jene de Vitzula



**Caldinhas —**

A 4 kilometros desta villa, e no extremo da freguezia d'Arêas, existe uma abundante nascente d'aguas thermaes, tão ricas em propriedades therapeuticas, que difficil seria enumerar a immensidade de curas que pelo seu uso se tem conseguido.

Em tempos remotos foram estas agoas aproveitadas, segundo se collige por vestigios que existem; mas com o andar dos tempos tudo desapareceu, e restava apenas a agua brotando em borbulhões á superficie do solo.

Ha cerca de vinte annos, aprouve á providencia serem eleitos dois vereadores coxos e foi quanto bastou para que pagassem ás Caldinhas uma divida de gratidão pelos haver curado em seus órgãos locomotores.

E' a dois vereadores coxos que vemos a iniciativa dos melhoramentos das Caldinhas; não desejamos aos actuaes que padeçam da mesma enfermidade, nem de qualquer outra, antes lhes desejamos a mais vigorosa saude; mas sempre lhes vamos lembrando que ás Caldinhas está taxado

um futuro brilhante, pelos attributos de que são dotadas, e muito nos honrariamos tendo de registar este inapreciavel melhoramento effectuado por quem se acha actualmente á testa da nossa administração municipal.

**Mais uma escola —** Felicitamos os habitantes desta villa pelo importante melhoramento que vão ter com a criação duma escola de ensino complementar, para a qual já se acha nomeado o snr. Fernando Pires de Lima, um dos mais intelligentes professores deste concelho, e o que tem prestado á instrução os mais relevantes serviços; louvamos a camara pela acertada nomeação que fez, e ao snr. Pires de Lima damos sinceros parabens.

**Passamento —** Na idade esperancosa dos vinte annos acaba de descer ao tumulo o nosso jovem amigo Luiz de Souza Trepa.

Era filho de João Justiniano de Souza Trepa, tambem fallecido, e um dos bravos campeões politicos desta terra.

No prestito representaram-se todas as associações locais de que era membro: *A Sociedade Dramatica Garret, a Banda do Visconde de S. Bento, a União Instructora das Escolas Nocturnas Gratuitas, a Associação dos Bombeiros Voluntarios, a Imprensa, e*

muitos cavalheiros, e entre elles os Ex.<sup>mos</sup> Snrs. Visconde de S. Bento, Juiz de direito, e o administrador do concelho.

Notamos que o *Club Thyrsense* de

que tambem o fallecido era membro não se fizesse representar n'este acto.

Sobre a campa do nosso amigo, desfolhamos pezarosamente as nossas saudades...

• • VÁRIA • •

**Imprensa local**

A's amaveis e lisongeiras referencias com que os nossos collegas nos acolheram, na apreciação do segundo numero, testemunhamos o nosso agradecimento e a nossa estima.

**Asylo Agricola**

**Conde de S. Bento**

A questão, ventilada já em 1906, da cessão das duas quintas do Mosteiro ao Governo para uma escola agricola acaba de ser ultimada, devido aos incessantes esforços da actual mēsa daquella casa, que, com entusiasmo, empregou todos os meios para a consecução deste projecto, que reconhecemos ser da maior utilidade para a nossa villa. E se lhe traz uma movimentada instituição que

nos dará maior importancia commercial e agricola, uma outra vantagem a sobreleva ainda, como seja a melhor applicação de grandes rendimentos alli consumidos sem grande utilidade, e que agora poderão reverter em proveitosos beneficios que sirvam a indigencia. Felicitamos toda a mēsa que foi incansavel e bem assim o distinctissimo advogado Dr. Eduardo Costa Macedo, antigo provedor daquella casa, que tanto bem tem collido pela elevada competencia do seu defensor, que mais uma vez sob a sua égide a colocou.

**Dr. Francisco Guimarães**

Felicitamos cordealmente este nosso distincto amigo, e sua esposa D. Rosa Gil Guimarães, pelo nascimento do seu primeiro filho.

## Colaboradores d'esta série

### LITTERARIOS

*Dr. Affonso Duarte.*  
*Dr. Affonso Motta Guedes.*  
*Alexandre Francisco Ferreira.*  
*Dr. Americo Pires de Lima.*  
*Dr. Antonio Pires de Lima.*  
*P.º Augusto Gonçalo da Silva.*  
*Dr. Augusto Pires de Lima.*  
*Dr. Eduardo da Costa Macedo.*  
*Dr. Francisco Andrade.*  
*Dr. João de Lebre e Lima.*  
*Dr. João de Meira.*  
*Dr. Joaquim Alberto Pires de Lima.*  
*Dr. José Coelho d' Andrade.*  
*Julio Brandão.*  
*Luiz Coelho.*  
*Abb.º Manoel Domingues de Souza Maia.*  
*Dr. Mario Carneiro.*  
*Mario Sampaio.*  
*Dr. Roberto Macedo.*

### ARTISTICOS

*Alberto Ribeiro.*  
*Ayres Azevedo.*  
*Cesar Guimarães.*  
*José de Varziela.*

Consultorio Medico-Cirurgico

DE

*José Coelho d' Andrade*

Rua de Souza Trepa, 30-40

## COBRANÇA

*Agradecemos a captivante gentileza de todos aquelles que com tanta deferencia acceitaram os nossos recibos para a cobrança da 1.ª série.*

*E aos nossos estimaveis assignantes que por qualquer motivo não puderam satisfazer a importancia da assignatura cobrada pelo correio, pedimos a fineza de a fazerem directamente á nossa administração.*

*Tendo sido immensas as despezas e insano o trabalho para esta publicação, esperamos que isso nos seja reconhecido, e da amabilidade dos nossos prezados leitores, contamos com a sua annuencia, para nos pouparem a mais difficuldades.*

*Será isso um incentivo para a continuação d'esta revista, que tem a unica missão de engrandecer a nossa querida terra, e tornal-a conhecida pelos seus encantos, e as suas bellas tradições.*

CAMISARIA  
TELLES & MARQUES

11, Praça da Liberdade, 12

PORTO

Filial: Rua Ferreira Borges  
COIMBRA

Justino Aives  
SAPATEIRO

todas as novidades em calçado de luxo  
para senhora e homens

(NO MESMO ESTABELECIMENTO)

Colaboradores d'esta série

LITTERARIOS

COBRANÇA

Alberto Ribeiro.  
Ayres Azevedo.  
Cesar Guimarães.  
José de Varziela.

Consultorio Medico-Cirurgico

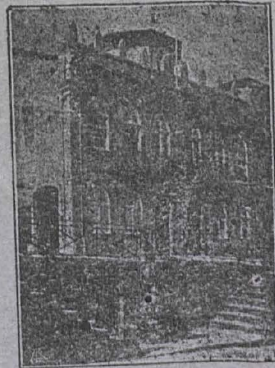
DE


*José Coelho d' Andrade*

Rua de Souza Trepa, 30-40

SANTO THYRSO

Cousultas diarias nesta villa e ás quintas-feiras  
em S. Thiago da Carreira



AYRES D'AZEVEDO  Queiroz Ribeiro

Solicitador encartado

*Praça do Conde de S. Bento*

SANTO THYRSO

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS

E

Agencia do Banco de Portugal

E DAS

*Companhias de Seguros*

SEGURANÇA E FIDELIDADE

*Viuva de Antonio Ribeiro Guimarães*

192, RUA DE SOUZA TREPA, 194

SANTO THYRSO

CAMISARIA

TELLES & MARQUES

*11, Praça da Liberdade, 12*

PORTO

*Filial: Rua Ferreira Borges  
COIMBRA*

e Pires de Lima

ADVOGADOS

*Rua da Fabrica, 78-1.º*

PORTO

Justino

ALFAIATE

Sempre as ultimas novidades em  
fazendas e confecções

*Rua 31 de Janeiro, 157*

PORTO

Justino Aives

SAPATEIRO

Todas as novidades em calçado de luxo  
para senhora e homens

(NO MESMO ESTABELECIMENTO)